
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

O COPÉRNICO DE NOSSAS LETRAS: CONTRIBUIÇÕES DE UM CRÍTICO PARA A HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Inês Cardin Bressan(UNESP)
inesbressan@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições de Afrânio Coutinho para as letras brasileiras, bem como a apresentação de seu pensamento a respeito da literatura como fenômeno estético. Motivou o seu desenvolvimento a escassez de publicações voltadas para este crítico, bem como o seu legado deixado na obra *A Literatura no Brasil*. Este artigo trará maior enriquecimento para a crítica e também motivará novos pesquisadores e estudiosos de literatura a conhecerem o universo de Afrânio Coutinho com seus textos presentes na monumental obra *A Literatura no Brasil*.

PALAVRAS-CHAVE: historiografia; literatura; Afrânio Coutinho; história da literatura.

1. INTRODUÇÃO

É sabido que a literatura é um meio eficaz para demonstrar a cultura e a expressão de um povo. Os historiadores desta arte, desde há muito, se debruçam sobre ela na busca de retratar o momento histórico/literário vigente. Dentre os historiadores brasileiros, Afrânio Coutinho se destacou pelas suas contribuições, para com a historiografia da literatura brasileira, bem como a crítica literária. Por isso este artigo, tem por objetivo analisar as contribuições de Afrânio Coutinho presentes nos textos de sua autoria, constantes na obra *A Literatura no Brasil*.

O Copérnico de nossas letras, segundo Alceu Amoroso Lima, sempre se mostrou um crítico preocupado com os caminhos literários brasileiros, e uma prova disto é o seu legado voltado para a valorização da produção de escritores nacionais. *A Literatura no Brasil*, sua mais vultosa obra, na qual foi o mestre de cerimônias e cuja maioria de textos são de sua autoria, confirma a dedicação deste crítico que, pautou sua existência traçando um painel completo da evolução da literatura brasileira.

Hoje, ao celebrarmos o centenário de seu nascimento, nossos olhos se voltam para as suas contribuições, justificando uma pesquisa neste sentido. Um artigo que apresente uma pequena amostra do que foi o trabalho deste autor, que ofereceu e ainda oferece grandes contribuições aos estudos e às pesquisas voltadas para a literatura brasileira e à língua portuguesa.

A literatura brasileira, por muito tempo foi vista com determinações estanques de eras/épocas por muitos escritores, porém com a periodização estilística, Coutinho renova, inova e se arrisca ao afirmar que os períodos literários se imbricam, se entrelaçam e se sobrepõem. Desta forma, esta pesquisa se pauta na seguinte situação problema: quais seriam as contribuições de Afrânio Coutinho, para as letras brasileiras, que estão presentes nos textos de sua autoria, na obra *a Literatura no Brasil*? Assim, para subsidiar esta pesquisa, de caráter bibliográfico, buscamos os textos de Afrânio Coutinho, que estão inseridos na obra *A Literatura no Brasil* e apresentamos algumas das contribuições constantes neles.

2. AFRÂNIO COUTINHO: UM CRÍTICO LITERÁRIO

Coutinho sempre primou pelo valor estético da obra de arte. Como crítico literário, ele atuou na imprensa e se fez instrumento de divulgação das ideias de Daniel Rops e Jacques Maritain, porém, no que se refere à crítica literária, utilizou-se dos princípios de Saint-Beuve, Croce, Paul Valéry, T.S.Eliot e J.B. Du Bos.

Em 1870, o Brasil vivia o final do Romantismo e a entrada do cientificismo. A crítica literária também seguia o critério sociológico baseado na origem, influências do meio, da raça, o ambiente e a intenção do autor. Nesta fase, destacaram-se alguns críticos tais como Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior. No entanto, na sua trajetória Coutinho sempre deu primazia pela crítica exercida sem achismos, sem o gostei ou não gostei, uma crítica exercida com critérios e padrões.

Foi com a publicação de “Correntes Cruzadas”, na seção do jornal *Diário de Notícias*, que ele pôde dar início ao seu trabalho de renovação da crítica literária, cuja relevância era para a valoração estética do fenômeno literário. O que levou Alceu Amoroso Lima a afirmar:

De 1935 a nossos dias, ninguém se debruçou sobre a nossa literatura, com mais amor, mais compreensão e mais capacidade expositiva do que essa biblioteca viva, individual e ambulante de nossas letras (...) e nos tem dado, em qualidade e em quantidade, a maior contribuição crítica expositiva, mas também criadora, que até hoje foi dada à nossa criação estético literária. (Coutinho 1987: 14)

Dos ensaios publicados na seção “Correntes Cruzadas” originou-se o livro *Da crítica e da nova crítica*, em 1957. O foco do autor nestes ensaios, embora bem variados, é a discussão sobre a questão da crítica, sua natureza e função. Quanto a sua natureza,

ela estabelece a tarefa de analisar, interpretar e julgar a obra de arte. Quanto a sua função, ela é leve e superficial, visa mais informar o público sobre o movimento editorial.

3. A LITERATURA NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TEXTOS DE AUTORIA DE AFRÂNIO COUTINHO

A *Literatura no Brasil* organizada por Afrânio Coutinho teve seis edições. A primeira em 1955, a segunda em 1968, a terceira em 1986, a quarta em 1997, a quinta em 1999 e a sexta em 2003. Os volumes utilizados nesta pesquisa são da quinta e da sexta edições, embora alguns deles tenham sido publicados individualmente, pois constam no ano de 2001 e 2002. De acordo com Bressan:

Com a direção de Afrânio Coutinho e com a assistência de Eugênio Gomes e Barreto Filho, a edição de 1955 surgiu com algumas inovações, como por exemplo, ser um trabalho histórico de literatura brasileira escrito a várias mãos. Em seus volumes nota-se a presença de gravuras, ilustrações e fotocópias de alguns manuscritos originais (2007: 80).

Embora a versão de 1955 apresente-se um pouco desorganizada para o leitor atual, acostumado a um rigor maior, ela inicialmente descreve seu objetivo principal, que é o de realizar um levantamento da história da literatura brasileira. As edições posteriores tiveram algumas modificações no que se refere ao acréscimo de textos e quanto à reorganização deles em determinados volumes. No entanto, a partir da edição de 1986, Afrânio Coutinho teve a colaboração de seu filho, Eduardo Faria Coutinho para a sua reelaboração, assim permanece em todas as edições posteriores.

A edição de 2003, publicação póstuma, não apresentou alterações se comparada à versão de 1997. A organização da obra se manteve em seis volumes assim nomeados: Volume 1 – Introdução Geral; Volume 2 – Era Barroca – Era Neoclássica; Volume 3 – Era Romântica; Volume 4 – Era Realista – Era de Transição; Volume 5 – Era Modernista; Volume 6 – Relações e Perspectivas – Conclusão. Embora tenham sido muitos os colaboradores desta imensa obra, neste caso específico nos atentaremos somente aos textos de autoria de Afrânio Coutinho, estabelecendo desta forma, suas contribuições para a literatura e para a língua brasileiras.

O “Prefácio da primeira edição de 1955” é o primeiro texto de Coutinho n’A *Literatura no Brasil*. Nele o autor trata da questão da historiografia literária, pois durante o século XIX, os estudos literários eram mais voltados para o apuro das condições que envolviam a criação literária. Houve então a dicotomia, pois se de um lado estavam: “Os métodos históricos e documentais, eruditos e positivos dominantes no século XIX, para os quais o estudo da literatura deve consistir no exame das condições ou circunstâncias que envolvem a criação das obras literárias” (Coutinho 2003: 5).

Por outro, havia uma reação anti-historicista, que além, de atacar o método histórico, pois este propunha a explicação total da obra de arte, se recusava a aceitar o próprio princípio do método, ou seja, a historicidade do fenômeno literário. Desta forma, o autor delibera a função da crítica e da história: “Ao crítico é prudente desconfiar dos excessos e pretensões exageradas do método histórico. À história compete apenas preparar o caminho para a crítica, jamais dispensá-la, substituí-la ou resumi-la” (Coutinho 2003: 9).

Dentre as muitas contribuições de Afrânio Coutinho, está a periodização estilística. Para ele, não há que se ter compromissos com datas fixas, não há barreiras entre períodos, pois tal periodização liberta o historiador da tirania cronológica, sociológica e política. Assim, para elucidar a concepção de Coutinho, o Arcadismo apresentará a lucidez e a singularidade do Maneirismo, ao mesmo tempo em que poderá também expressar a sensualidade do Barroco. Essa continuidade, essa imbricação dos períodos literários confirma o que T. S. Eliot afirmou em seu ensaio crítico “Tradição e Talento Individual”: “Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e artistas mortos. Não se pode estimá-lo em si é preciso situá-lo para contraste e comparação, entre os mortos” (1989: 39).

Desta forma, todos os escritores pertencem a uma geração e se mesclam independente de períodos ou eras estanques.

Outra contribuição aparente e proposta por Coutinho é a questão do divórcio com o povo, ou seja, de um lado a produção editorial e os autores e de outro as grandes massas. A produção editorial brasileira é escrita para um público que tem acesso a ela, ou seja, o mercado cultural produz aquilo que eles próprios consomem, visto que a grande maioria brasileira, além de não possuir apuro estético, não tem condições financeiras de ter acesso às obras. Ao enfrentar uma obra como *A Literatura no Brasil*, percebe-se notadamente que seu organizador, ao expor suas ideias deixa entrever sua preocupação com uma literatura brasileira que atenda às necessidades de um público leitor e que ao mesmo tempo combata a sua inacessibilidade. Coutinho ainda conceitua literatura como sendo: “uma arte, a arte da palavra, isto é, produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra e cuja finalidade é despertar no leitor ouvinte o prazer estético e sua crítica deve obedecer a esses elementos intrínsecos” (Coutinho 2003: 46).

E ainda apregoa que, não se pode pensar em uma história de literatura escrita apenas por um escritor, pois ela se quer tarefa de cooperação, por isso uma história de literatura que contemple vários seguimentos e vários autores de diversos lugares do Brasil.

O “Prefácio da segunda edição de 1968” é o segundo texto de Coutinho na obra em questão. Aqui o autor pouco inova sobre suas teorias e métodos, todavia ele se mostra preocupado com os caminhos que a literatura brasileira está trilhando. Assim, como no Prefácio à primeira edição, Coutinho aponta José de Anchieta como precursor da Literatura Brasileira e responde às críticas que foram recebidas na primeira publicação. A principal crítica recebida na primeira edição de *A Literatura no Brasil* é de

que Afrânio Coutinho havia expulsado a cronologia pela porta e ela acabou entrando novamente pela janela, ao que o autor responde afirmando que a cronologia é necessária, porém o que se refuta é o exagero de valor atribuído a ela.

Outra colaboração deste autor, neste texto, é uma parte especialmente dedicada à Lingüística, Literatura e Crítica, o que não o faz no primeiro prefácio, no entanto, os mesmos pressupostos são validados com pequenas alterações, ma nada porém que se modifique na sua gênese. Ele explicita também algumas teorias do *New Criticism* que aponta os valores intrínsecos e extrínsecos na análise das obras literárias. Nestes, privilegiam-se os fatores ligados aos aspectos externos da produção da obra de arte, tais como a biografia do autor, a organização da obra, condições raciais, psicológicas, ecológicas e históricas. Naquele, privilegiam-se os aspectos formais ou imanentes do texto.

No “Prefácio da terceira edição de 1986”, não há pressupostos teóricos expostos, há apenas considerações sobre o Modernismo e aos novos caminhos propostos para a literatura brasileira. Neste período (década de 80) ela já possui identidade e autonomia nacional.

“A Literatura Brasileira – Introdução” é uma seção na qual estão os pressupostos que mais refletem a expressão do pensamento de Afrânio Coutinho, em extensão e profundidade. Nele, o autor define critérios, seu conceito de literatura, a metodologia estilística, estabelecendo sua oposição aos métodos histórico, sociológico e biográfico. Discorre sobre cada período literário traçando considerações sobre os autores de maior expressão e afirma que a literatura brasileira iniciou-se no Barroco, diferentemente de outros historiadores dela. A leitura que Coutinho faz de nossa literatura reforça que ela possui força e fisionomia para se impor, diferentemente dos tempos de outrora, porém não é por isso que, em épocas anteriores ela não deva ser valorizada, pois a cada tempo e cada autor merece seu valor e reconhecimento dentro de seu espaço.

No texto “O Barroco”, Coutinho traça considerações valiosas sobre o nascimento da literatura brasileira, que tem seu fundamento em motivos econômicos e, consequentemente deles deriva a literatura brasileira. O crítico aponta que os primeiros escritos brasileiros foram feitos por portugueses brasileiros sobre os feitos, os fatos e os homens daqui. Ele caracteriza a literatura barroca como aquela permeada de uma infinidade de detalhes, e no que se refere aos recursos linguísticos, Coutinho aponta as antíteses, assíndetos, paradoxos e outros que traduzem o conflito interior do homem.

Como autores mais expressivos desta época ele cita Padre Anchieta, Antonio Vieira, Gregório de Matos e Botelho de Oliveira. A Afrânio Coutinho foi atribuído o mérito de revalorizar o estilo Barroco, e também de acrescentar o Maneirismo nas últimas edições d’*A Literatura no Brasil*, movimento que tem despertado o interesse de alguns estudiosos, e ocorreu anterior ao Barroco, que o autor chamou de pré-barroco.

O texto “Neoclassicismo e Arcadismo. O Rococó” está no capítulo dezoito do volume II d’*A Literatura no Brasil*. Nele Coutinho aponta que no século XVIII é produzida

uma literatura anêmica e sem valor literário, e que as características destes períodos se imbricam, e não podem ser tomadas isoladamente. As tendências se interrelacionam: a decadência do Barroco põe valor ao Classicismo e desponta no Arcadismo. Tais colocações demonstram o cunho estilístico no que se refere à periodização, tão reforçada pelo autor.

“O Movimento Romântico” é o item em que Coutinho aponta que, este é um momento pela fusão dos ideais políticos e literários. O crítico afirma que não é tarefa das mais fáceis classificar os autores, pois o movimento é muito amplo, por isso denominou-o em Prerromantismo e Romantismo e ainda os descreveu em grupos. Para ele foi nesse período que a literatura brasileira ganhou força, consistência e autonomia. Para ele, esta fase foi muito promissora, visto que pela primeira vez o Brasil teve um movimento cujas raízes eram nacionais, com força religiosa, social e nacional, conseqüentemente houve também melhora do público leitor. Se para ele, a literatura iniciou-se com a chegada do primeiro português que aqui pôs os pés, foi no romantismo que surgiram as primeiras expressões de brasilidade, firmando-se como literatura nacional.

Ao discorrer sobre “A Crítica Literária Romântica”, diferentemente de outros historiadores da literatura, Afrânio Coutinho devota uma atenção especial à crítica literária, apontando que a mesma se reporta para o que há de mais peculiar na cultura brasileira a “cor local”. E ainda, retifica as ideias de que a crítica só será fecunda se for exercida à luz de critérios e padrões. Cita como críticos mais expressivos neste período Santiago Nunes Ribeiro, Joaquim Norberto de Souza e Silva, Macedo Soares e José de Alencar.

“Realismo. Naturalismo. Parnasianismo” é um texto que, embora o autor tenha adotado uma divisão periodológica dos movimentos, ele tenta não sucumbir à divisão meramente cronológica, pois para ele, ela é apenas referência. Para ele, há uma grande evolução da literatura neste período, e que após a publicação de *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, a literatura brasileira evolui e começam a aparecer os primeiros frutos, entre eles está *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, romance de grande expressão realista.

“A Crítica Naturalista e Positivista” não recebeu um tratamento tão especial dos historiadores como nesta obra, afinal, foram poucos os que devotaram um espaço tão expressivo à crítica literária como Afrânio Coutinho. No volume 4, denominado *Era Realista – Era de Transição*, ele afirmou que: “O lençol comum de ideias da época materialista, aberta no Brasil na década de 70, frutificou em um corpo de doutrinas de explicação e crítica do fenômeno artístico literário” (Coutinho 2002: 21).

Pela ciência, palavra de ordem na época, a crítica adquire um instrumental de análise até então desconhecido. Os critérios para valorização da obra estão voltados pelo grau de fidelidade com que as obras retratam a sociedade que as produziu, do ponto de vista da moral, da religião, da vida social e econômica, da raça e do meio.

“O Regionalismo na Ficção” é um item que demonstra outra importante contribuição de Afrânio Coutinho, que é a maneira como ele trata os regionalismos, estigma-

tizados por diversos ciclos, tais como, o Nortista, na Amazônia, o homem enfrenta a melancolia e a monotonia. O ciclo Nordeste, com uma literatura mais descritiva e paisagística. O Baiano que representa elementos históricos e diversas comunidades rurais. O ciclo Central, embora haja neste período a preferência por ambientes rurais, o ser humano é o fulcro principal das obras. O Paulista, que apresenta cenas da vida paulistana e o ciclo Gaúcho. Manifesta-se aqui a valorização da produção literária de cada região pelo crítico, deixando de lado àquela geração de críticos que dão primazia apenas às produções nordestinas.

Ao tratar do “Simbolismo. Impressionismo. Modernismo”, especificamente, Coutinho apresenta uma literatura em mudança. Apresenta os simbolistas caracterizados por muitos como nefelibatas e mostra que, neste período, houve uma atmosfera de inquietação. No Impressionismo as características fundamentais são a oposição à sintaxe clássica, o anacoluto, a supressão da conjunção, o uso de metáforas, a linguagem expressiva e sonora. Com o Modernismo houve a valorização do espírito moderno. A Semana de 22 foi marcada pelo seu caráter revolucionário e cumpriu seus objetivos. Segundo Afrânio Coutinho, o movimento construiu uma mudança de mentalidade e entre suas conquistas estão a revitalização do regionalismo, a descentralização do intelectual, a autonomia da literatura brasileira entre outras.

Nesse sentido, vale marcar outra contribuição científica de Coutinho para as letras brasileiras, que é a caracterização do Impressionismo como estilo, que tem em Raul Pompéia sua figura de maior expressão.

No texto “O Modernismo na Ficção”, Afrânio Coutinho determina que a Ficção Modernista sustenta-se em duas vertentes: a social e territorial e a psicológica. Naquelas, há predominância do ambiente das zonas rurais com suas predominâncias sobre o homem. Nesta, pressupõe introspectiva, há a indagação interior sobre os problemas enfrentados pela alma. A ênfase, nesse caso, é sobre a vida urbana associando-se à introspecção e a análise dos costumes.

“A Crítica Modernista” retrata a trajetória crítica no modernismo, pois para o autor, neste período ela não foi exercida e que seu atraso a fez chegar à década de 1940 com o cunho social e só depois ela surge com a marca estética. Para ele, a crítica se fundamenta em:

Necessidade de criação de uma consciência crítica para a literatura brasileira; valorização do ensino superior de Letras, criação do espírito profissional e de especialização na crítica; defesa da abordagem e perspectiva estético literária; valorização da concepção estética da crítica; estabelecimento de critérios de cunho objetivo científico; delegação para o segundo plano da preocupação biográfica em crítica, revisão dos conceitos historiográficos, pondo em relevo o fenômeno literário em sua autonomia (Coutinho 2003:641).

Segundo Coutinho, estes são os pontos primordiais cujo pensamento diretor está diretamente ligado à apreciação estética para analisar a obra pelos seus elementos intrínsecos. E o amadurecimento da crítica ocorreu entre 1922 e 1965, com o Con-

gresso de Crítica e História Literária, de 1960 no Recife, onde ela adquire sua aura profissional.

No campo “Nota Explicativa”, Coutinho discute questões sobre os gêneros dramático, conto, crônica e literatura infantil, e o faz isoladamente. Também ele traça um panorama da literatura brasileira até a atualidade, nesse caso, a realidade de 1986. As obras apresentadas aqui foram encaradas como monumentos e não como documentos, afastando assim o critério sociológico, primando pelo estético. Por se constituir novidade no Brasil a escritura de uma obra a várias mãos, Coutinho se justifica e aponta que os temas foram entregues aos críticos de diversos pontos do Brasil, não só para dividir as responsabilidades, mas também para estabelecer um panorama geral do que pensam os autores dos mais variados lugares. Embora tenha sido escrita em 1986, momento em que pouco se discutia sobre a estética da recepção, é possível observar certa preocupação do crítico com o leitor, o que caracteriza mais um aspecto inovador de Afrânio Coutinho.

No capítulo intitulado “Ensaio e Crônica”, o autor discorre sobre a concepção estética de gêneros literários. Assim, eles se subdividem em dois grupos, um é aquele em que os autores se utilizam de uma maneira para conseguir chegar ao leitor e o outro são aqueles em que os autores o fazem, porém de maneira indireta, utilizando-se de outros artifícios. No grupo um estão o ensaio, a crônica, o discurso, a carta, o apólogo, a máxima, o diálogo e as memórias. No outro estão o gênero narrativo, a epopéia, o romance, a novela, o conto, o gênero lírico e o gênero dramático. Na organização da obra *A Literatura no Brasil* participam uma grande variedade de gêneros literários, tais como a oratória, a epistolografia, as memórias, os diários, as máximas e a biografia.

“Historiografia Literária em novo rumo” é o momento em que, como tentativa de ligar esta obra à tradição histórica literária brasileira, Afrânio Coutinho afirma que ao concluir monumental empreendimento espera ter conseguido desvencilhá-lo da cronologia, por ser um tratado da história literária brasileira, também pela sua estrutura. Enfatiza a valorização do ensino brasileiro, que até então se pautava na memorização de datas e nomes, e que a partir de então, baseou-se em interpretar e analisar os textos.

No item “Ainda e sempre a Literatura Brasileira”, apresenta-se uma sequência de ensaios escritos por Coutinho de 1984 até 1987, cujo teor é a necessidade de efetivação de uma literatura e de uma língua brasileiras. Para ele, está nas Universidades a possibilidade de haver literatura com a marca de profissionais. Desde o começo do século XIX, a expressão literatura brasileira vem sendo empregada e isso reforça e define a sua autonomia. A obra literária é a expressão de um povo e a literatura, seja ela brasileira ou de quaisquer outros países sempre será a expressão mais pura dos desejos e anseios de uma nação. Desta forma, ele afirma: “Não posso deixar de concluir, portanto. A Literatura Brasileira, como a música popular, é a maior demonstração da autonomia mental brasileira, que não encontramos em outros setores da nossa vida. E com isso, ela é, no conjunto, a maior literatura das Américas” (Coutinho 2003: 304).

Assim, há que se reconhecer, que as relações existentes entre a literatura brasileira e as outras literaturas é de contiguidade e não de submissão.

“Ainda e sempre a Língua Brasileira” inicia-se com a descrição de um decreto presidencial publicado em 26 de junho de 1985, a fim de oferecer as diretrizes que promovam o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa. Neste texto, ele traça um histórico da língua portuguesa e aponta a causa da atual crise do vernáculo em nosso país, a contradição entre o que o aluno diz, o que ele escreve e o que ele ouve do professor. Sugere renúncia à forma lusa de falar, pois somos um povo com seus modos e costumes peculiares. No que se refere à formação do professor de Língua Portuguesa, ele afirma que esta é superficial e que o ensino nas faculdades de Letras é inócuo. O fato de ele afirmar que o período de três semestres de curso de língua não forma profissionais com o mínimo de competência para lecionar no ensino médio, demonstra um crítico atual e preocupado com o curso de nossas letras, bem como voltado para a academia e o profissionalismo. Em especial, no Brasil, o processo anticolonialista sempre esteve em contínuo andamento, e deu lugar a uma “tradição afortunada” rica e intensa, e este processo continua até hoje.

No item “Visão final”, Afrânio Coutinho traça um panorama geral dos caminhos que a literatura brasileira percorreu desde os primórdios até a atualidade (no caso, a atualidade refere-se a 1986). Caracteriza este período como uma terceira fase do Modernismo e também que as transformações ocorridas nesta época tiveram seus reflexos em outras artes, como a pintura e a música.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como negar as contribuições de Afrânio Coutinho para a literatura e para a língua brasileiras. Após a realização deste trabalho fica patente a preocupação do crítico no que se refere à atualização da literatura, bem como o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa. Na variedade de seus textos aqui compilados é perceptível que não se pode conceber uma literatura com os períodos estanques, divididos em eras, épocas, enfim, com divisões cujas imbricações sejam negadas. Durante a leitura da obra é perceptível o parecer favorável do autor para a estilização estilística, a sua contribuição à crítica intrínseca bem como uma certa valoração à extrínseca também, mas tudo em seu devido lugar e tempo adequados. Desta forma, Coutinho deixou para os estudiosos de literatura e de língua portuguesa um legado que marcou uma época, um material excepcional para a compreensão da literatura e um amor singular pelas artes.

A leitura da obra de Afrânio Coutinho não se esgota, ela se perpetua em cada profissional que, interessado pela produção crítico literária brasileira, volte seu olhar para um crítico extremamente atento às evidências e inovações literárias da época.

OBRAS CITADAS

BRESSAN, Inês Cardin. 2007. Afrânio Coutinho, crítico e historiador da literatura brasileira: uma leitura. Diss. Universidade Estadual Paulista (Assis).

COUTINHO, Afrânio. 1987. *Crítica e teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

———. 1999. *A Literatura no Brasil*. Vol. V. 5. ed. São Paulo: Global.

———. 2003. *A Literatura no Brasil*. 6 vols. 6. ed. São Paulo: Global.

ELIOT, T. S. 1989. *Ensaíos*. São Paulo: Arte.

THE COPERNICUS OF OUR LITERATURE: CONTRIBUTIONS OF A CRITIC TO THE BRAZILIAN LITERARY HISTORIOGRAPHY.

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze the contributions of Afrânio Coutinho to Brazilian literature, as well as to introduce his thought about literature as an aesthetic phenomenon. The reason of its development was the scarcity of publications dedicated to this critic and his legacy, left in the work *A Literatura no Brasil*. This article will bring a major enrichment to the critic and motivate new researchers and literature scholars to study the universe of Afrânio Coutinho, with the texts included inside his monumental work *A Literatura no Brasil*.

KEYWORDS: historiography; Literature; Afrânio Coutinho; literary history.

Recebido em 27 de julho de 2011; aprovado em 30 de dezembro de 2011.